

## **OS CONTRASSENSOS NAS RAÍZES HISTÓRICAS DA SOCIOLOGIA: NOTAS INTRODUTÓRIAS EM LUKÁCS**

Eixo: Movimento operário e organização de classe: lições da história e perspectivas de emancipação

Valeska Mariano de Castro<sup>1</sup>  
Frederico Jorge Ferreira Costa<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo associa-se a pesquisa de mestrado, onde apresenta as análises preliminares sobre as raízes históricas do surgimento da sociologia à luz deGeörgLukács. Desse modo intenta apanhar o estudo, os contrassensos históricos dessa ciência na Inglaterra, França e Alemanha entendida por Lukács como autônoma que expressa uma resposta burguesa aos problemas colocados pelas contradições do capitalismo. A partir disso, levantamos elementos atinentes à gênese e evolução da sociologia no cernesócio- histórico apresentado por vários filósofos e sociólogos dentro do aparato teórico- crítico da sociologia vulgar. Ao final, partindo da ótica lukasiana, no que diz respeito à sociologia, é que a considerauma “ciência burguesa”, incapaz de atingir o real conhecimento da sociedade. ParafraseandoLukács em seu livro História e Consciência de Classe (1965), “(...) esta ciência se coloca simples e dogmaticamente sobre o terreno da sociedade capitalista, aceitando sem critica sua essência, sua estrutura objetiva, suas leis (...)

**Palavras-chave:** Sociologia, Capitalismo, História.

### **ABSTRACT**

This article is associated with a master's research, which presents the preliminary analysis of the historical roots of the emergence of sociology in the light of Georg Lukács. Thus tries to take the study nonsensicalhistorical this science in England, France and Germany understood by Lukács as an autonomous that expresses a bourgeois response to the problems posed by the contradictions of capitalism. From this, we raised relating to the genesis and evolution of sociology in the socio-historical core made by several philosophers and sociologists within the theoretical-critical apparatus of ordinary sociological elements. At the end, based on the optical lukasiana, with regard to sociology, is that considered a "bourgeois science", unable to achieve real knowledge society. Paraphrasing Lukács in his book History and Class Consciousness (1965), "(...) this science arises simply and dogmatically about the terrain of capitalist society, accepting uncritically its essence, its objective structure, their laws (...)

**Keywords:** Sociology, Capitalism, History.

---

<sup>1</sup> Grupo de pesquisa Ontologia do Ser Social, História, Educação e Emancipação Humana

<sup>2</sup> Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UECE)

## INTRODUÇÃO

Neste texto temos o intuito de esclarecer as raízes históricas da sociologia na Inglaterra, França e Alemanha. O seu objetivo principal é compreender os contrassensos do pensamento sociológico através de alguns autores clássicos da sociologia e a influência de suas teorias para emancipação humana, retomando o pensamento de Lukács.

Pretendemos, com esse trabalho, dar visibilidade aos pressupostos teóricos de autores comentadores dos clássicos das ciências sociais como Michel Löwy, Gabriel Cohn, Ranieri Carli que sustentam a tese de que a sociologia, tende a ser uma ciência burguesa, ao reproduzir em seus escritos, a naturalização do capital e de suas apologias.

Tendo em vista tais condições, percorremos caminhos históricos traçados por Condorcet em *o Esboço de um quadro histórico do progresso do espírito humano de 1794*, Saint-Simon em *A reorganização da sociedade europeia*, em 1814 e Comte em 1848, em seu *Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo*, onde tais obras refutam as contradições e limites da sociologia na Inglaterra e França, para adiante iniciarmos o estudo da ciência social na Alemanha.

A sociologia na Alemanha apresenta-se em um cenário histórico diferenciado, interpretada pelos escritos de Dilthey em sua obra *Introdução às ciências humanas* de 1883 e Tönnies em *Princípios de sociologia* de 1931, como ciência do espírito onde prevalecia o caráter a-histórico do ser social interpretada pelo falso entendimento da teoria de Karl Marx.

Por fim, sobrepondo-se ao pensamento de uma sociologia burguesa, entendemos que o legado lukacsiano se insere no cânone para a ciência social, e que de fato a enérgica recusa de Lukács a sociologia é a recusa de um saber singularizado: a pretensão sociológica de um objeto específico autônomo e fundamentalmente equívoca (NETTO, 1981, p.24)

### **A gênese da sociologia “burguesa” e seus nexos exploratórios**

A sociologia nasce em meio à crise metodológica no rompimento das questões econômicas e sociais, como “disciplina independente”, pretendendo explicitar os nexos essências da sociedade sua estrutura, desenvolvimento e reprodução. O cenário do seu surgimento na Inglaterra e na França estava amparado pela dissolução da economia clássica e das fatídicas crises da economia burguesa com dissolução da Escola de Ricardo e a desintegração do socialismo utópico.

Anterior ao fato da decadência da burguesia, o seu poder era expresso pelo domínio não só do processo produtivo, mas também do controle político, ou seja, determina plenamente “sua hegemonização, sua localização social na estrutura de comando do capital” (PINASSI, 2009:12), tornando-se definitivamente classe dominante.

Contudo, com as insurreições proletárias de 1830 e 1848, a burguesia perde seu lugar à frente do processo revolucionário, do projeto da emancipação humana. Mészáros (1993:17), referindo-se a essa temática, elucida que:

(...) é um traço característico exclusivo das ideologias dominantes que, uma vez atingida a fase declinante do desenvolvimento das forças sociais cujos interesses expressam, elas são incapazes de oferecer nada além de um quadro conceitual inteiramente negativo, não obstante sua identificação ‘positiva’ com o *status quo*.

Em 1830 começa o processo de decomposição da filosofia burguesa clássica, que termina com a revolução de 1848. Como bem resume Lukács (1979: 37): “os intelectuais burgueses não colocam mais os grandes problemas universais da burguesia na sua fase ascendente, mas limitam sua reflexão aos interesses defensivos da burguesia”.

Nasce uma economia burguesa vulgar, e mais tardar a chamada economia subjetiva ou mesmo como dizia Lukács (1979: 40-1) “o idealismo subjetivo (...) constitui a ideologia espontânea, por assim dizer natural, da “intelligentzia”. “O trabalho material, que determina em última instância a relação entre o indivíduo e o mundo, fornece a esse respeito uma dupla indicação”. Para a sociologia isso indicou renunciar a explicação dos fenômenos sociais entendendo-os como motes de ciência do espírito destituída da economia, sendo reflexos dos interesses burgueses

Assim sendo, a sociologia se constitui como disciplina particular, para alienar os indivíduos da problemática social, ao exacerbar o fundamento econômico e fortalecer a ideologia burguesa na sua luta contra o socialismo. Isso causou um efeito excludente a dialética do pensamento, onde Lukács (1979: 29) diz:

A maior parte dos intelectuais encontra-se, com efeito, muito afastada do processo de trabalho efetivo que determina a estrutura verdadeira e as leis de evolução da sociedade; estão tão profundamente ajustados na esfera das manifestações secundárias da produção social – que consideram, aliás, como fundamentais –

Sobrepondo os ideais da teoria do conhecimento, o caráter agnosticismo cria forma, tornando-se um instrumento metodológico que acaba funcionando de modo inconsciente, conforme Lukács (1979: 33-4),

(...) nos preocupar com as aquisições das ciências, especializadas e separadas umas das outras, conhecimentos indispensáveis do ponto de vista da vida prática de todos os dias. (...) segundo o agnosticismo, deve limitar-se a vigiar para que ninguém ultrapasse os limites definidos pelas ciências (...)

As idéias dos ideólogos burgueses diante da decadência do poder era estudar as leis e a história do desenvolvimento social separando-os da economia. Isso Lukacs frisa ao denunciar ao escrever que a sociologia apresenta uma metodologia extremamente formal e uma gnosiologia relativista, que se converterá numa mística irracionalista. (ibid., p. 154)

Assim a sociologia surge como ciência autônoma; à medida que elaborava seu método, tão mais formalista, sendo as investigações das reais circunstâncias da vida social tornar-se apenas formalizações do cotidiano de raciocínios analógicos. Sobrepondo-se a isso, o surgimento da economia marxista, da luta de classes não poderia ser ignorada e tratada como fato do desenvolvimento social, e para fugir dessa necessidade como veremos mais adiante.

Lukács ao falar da razão burguesa e seu declínio, ele diz que “toda crise importante do pensamento filosófico, como luta socialmente condicionada que é entre o que nasce e o que morre, provoca do lado da reação tendências que poderíamos designar como o termo moderno de “irracionalismo” (LUKÁCS, 1968. P.84). Este irracionalismo seria o motor da engrenagem do esvaziamento do mundo do intelecto tornando interessante os piores instintos humanos, as reservas de animalidade e de bestialidade que necessariamente se acumulam no homem em regime capitalista. De maneira mais concreta:

O irracionalismo é uma simples forma de reação ao desenvolvimento dialético do pensamento humano. Sua história depende, portanto, do desenvolvimento da ciência e da filosofia, a cujas colocações reage de tal modo, que converte o problema mesmo em solução, proclamando a suposta impossibilidade de princípio de resolver o problema como uma forma superior de compreender o mundo (LUKÁCS, 1968, p.83).

O irracionalismo é efetivamente a negação da própria racionalidade. Esse caminho é fatídico da sociologia vulgar que desconhece essa evolução ideológica que parte do princípio da relação indivíduo e classe na dialética da sociedade. Nas palavras do autor de O Capital,

As relações sociais em que os indivíduos produzem, as relações sociais de produção mudam, transformam-se, quando se modificam e se desenvolvem os meios materiais de produção, as forças produtivas. No seu conjunto, as relações de produção formam aquilo a que se chamam as relações sociais, a sociedade, e em especial uma sociedade com determinado grau de desenvolvimento histórico, uma sociedade de caráter distintivo e peculiar (MARX, 1980, p.28)

O caráter da sociologia, nascida nos últimos anos do século XIX, era de ser a gênese das ciências particulares, onde sua proposta era a estabilidade da ordem burguesa, diante da nova sociabilidade do capital, dos interesses e os valores vigentes das apropriações intelectuais: a burguesa (dominante) e a aristocrata (restauradora).

Assim sendo, o cientificismo positivista de Condorcet e o método das ciências de observação de Saint-Simon representam um positivismo de cores revolucionárias, reconhecido como instrumento de luta, ao conceber cientificidade aos fenômenos sociais. Explicitada por Löwy:

Este ideal de ciência neutra, tão imune aos “interesses e paixões” quanto à física ou a matemática, estará no coração da problemática positivista durante dois séculos. Mas, há ainda em Condorcet uma significação utópico-crítica: seu objeto confesso é o de emancipar o conhecimento social dos “interesses e paixões” das classes dominantes. O cientificismo positivista é aqui um instrumento de luta contra o obscurantismo clerical, as doutrinas teológicas, os argumentos de autoridade, axiomas a priori da Igreja, os dogmas imutáveis da doutrina social e política feudal (2003, p 20).

Em diversas obras de Condorcet como: *Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano, o Racionalismo e o positivismo, Cinco memórias sobre a instrução pública*. Na primeira obra ele desenha o quadro futuro de nossa evolução em três amplos aspectos: teríamos “a destruição da desigualdade entre nações; os progressos da igualdade em um mesmo povo; enfim, o aperfeiçoamento do homem” (CONDORCET, 1993, p. 06).

Na segunda obra, ele discorre sobre a importância na emancipação do homem e os indivíduos que são cientes da sua natureza humana, conferindo às *luzes* tal esclarecimento. Em 1791, vem à tona, a última obra que promove um debate sobre o desequilíbrio entre as camadas sociais estando ele a favor da igualdade de educação para todas as classes. Condorcet não se engana com a pretensa “neutralidade” perante as contradições sociais e finda sua contribuição na generalização da razão burguesa, das luzes e do conhecimento. Como cita,

Uma constituição verdadeiramente livre, em que todas as classes sociais da sociedade desfrutem os mesmos direitos, não pode subsistir se a ignorância de uma parte dos cidadãos não lhes permite conhecer a natureza e os seus limites, se os obriga a pronunciar-se sobre o que eles não sabem, a escolher quando não podem julgar; uma tal constituição se destruirá ela mesma depois de algumas tormentas e se degenerará em uma dessas formas de governo que não conseguem conservar a paz em meio ao povo ignorante e corrompido (CONDORCET, 1994, p.32)

Após isso, Saint- Simon reconhecido como ilustre entre os positivistas revolucionários com sua atividade literária e política, fazia interlocução com as “classes ociosas”<sup>3</sup> estando a favor dos “trabalhadores” (faz-se valer tanto o operário quanto o burguês).

Vislumbramos isso, na sua obra *Para a reorganização da sociedade européia*, em 1814, onde o duelo das forças burguesas contra o poderio aristocrático, não desestimulou seu interesse gradativo ao proletariado, percebendo que a burguesia permanecia estática, distante de implementar o “reino da razão” e que contrário a isso substituía a dominação política aristocrática por outra forma de dominação; na sua perspectiva, o Terceiro Estado cindia-se em classes antagônicas (SAINT-SIMON, 1975, p. 71).

Saint- Simon produz um dos primeiros documentos que atestam em germen a formação dos trabalhadores em classe para-si, sendo o *Novo Cristianismo*, de 1825, livro apreciado de Marx, onde a evangelização guiada pelos preceitos cristãos terá uma missão diferenciada:

A sociedade deve ser organizada segundo o princípio da moral cristã; todas as classes devem concorrer, com todo seu poder, para o melhoramento moral e material da classe numerosa; todas as instituições sociais devem concorrer, o mais enérgica e diretamente possível, para esta grande meta religiosa (SAINT-SIMON, 1981, p.68)

Seus escritos culminaram para que a ideologia do operariado deixasse de ser utópica, isso ocorreu após as Barricadas de junho de 1848, onde esse caráter eleva-se a ciência com Marx e Engels, sendo o último, entusiasta de suas grandes aquisições racionalistas:

(...) Saint-Simon declara que a política é a ciência da produção e prediz a total absorção da política pela economia. E aqui não se faz mais do que apontar a consciência de que a situação econômica é à base das instituições políticas, proclamam-se já, claramente, a futura transformação do governo político sobre os homens numa gestão administrativa sobre as coisas e no governo direto sobre os processos de produção que não é nem mais nem menos do que a idéia da abolição do Estado que tanto ruído levanta hoje (ENGELS, 1979, p. 225,226)

A geração desses autores fazia confluir positivismo e revolução, apesar de utópico, a filosofia de Condorcet e Saint-Simon elucidava um novo tipo de sociabilidade, além de domesticada, que não pode ser declarado por Comte e Spencer, de onde ocorreu o surgimento da sociologia.

O caminho traçado por Comte interpreta o homem como fruto do período de decadência ideológica burguesa, aproveitando do uso das teorias e métodos das ciências naturais para estabelecer um caráter organicista-funcionalista da sociedade. Em 1826, com *o Curso de*

---

<sup>3</sup> Para Saint- Simon(2002,p.60) significa um entrave para o avanço do conhecimento humano, os príncipes, os oficiais superiores da Coroa, os bispos, os marechais, os prefeitos os proprietários ociosos não contribuem diretamente para o progresso das ciências, das artes e dos ofícios.

*filosofia positiva*, Comte propõe descrever as leis do progresso humano, já em 1848, em seu *Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo*, ele denomina a sua filosofia de “doutrina regeneradora”.

Este movimento do autor, desvenda a crítica ao real, alicerçada pelo racionalismo formal, que implica a aceitação da imediatividade empírica como autêntico objeto da ciência, dividindo a vida social em compartimentos.

Enquanto Durkheim exemplifica o aparecimento da sociologia entre as ciências como: “a ciência só aparece quando o espírito, abstraindo toda a preocupação prática, aborda as coisas com o único fim de ter representações delas” (DURKHEIM, 1975, p 104). Para ele, o reino social e a luta de classes são homogêneos dentro de uma moral constituída por uma coletividade coesa, ou seja, para apreensão do fato social as relações devem ser imutáveis.

Defensor da ciência<sup>4</sup> que negue as teorias que se ligam ao socialismo, ele enfaticamente diz que o marxismo não é ciência, já que não se atém a ser. “O socialismo ocupa-se menos com o que é ou foi do que com o que deve ser” (DURKHEIM, 1993, p. 36). Segundo ele, para se chegar à descoberta das leis sociológicas, é “preciso praticar o método positivo, isto é, subsistir os procedimentos sumários da dialética ideológica pela observação paciente dos fatos” (idem, p. 118).

### **Na Alemanha: a “nova” sociologia e seus paradoxos**

O momento histórico do nascimento da sociologia alemã toma um rumo particular devido à tardia formação do capitalismo onde burguesia não detinha o poder como classe política, ou seja, era comprometida com o absolutismo feudal e com os estamentos dos Junker (latifundiários militarizados) sob a direção de Bismark que a partir de 1848 alardeou as classes dominantes. Enfaticamente Cohn:

(...)Alemanha de 1848 ainda era fundamentalmente uma sociedade de base agrária e que as reações dos seus grupos dominantes aos sinais de diferenciação social e política (...) , mas refletiam muito mais o temor da repetição daquilo que ocorria em outros países, especialmente na França (Cohn, 2003: 14).

---

<sup>4</sup> Segundo Durkheim (1966, p. 32) a ciência poderá se tornar uma espécie de arte, isto é, uma doutrina normativa da ação. A arte em efeito consiste em agir; é então arrastada pela urgência (...) A verdadeira ciência não sofre tanto da precipitação. A arte pretende a correção: a sociologia, o entendimento descritivo. Esta é a oposição entre dever ser e ser que marca com ferro e fogo o nascimento da sociologia que inexistente para as gerações de Condorcet e Saint-Simon.

Neste cenário do coturno prussiano de Bismark, “a sociologia alemã nasce, pois, dentro dos marcos da apologética derivada desta transição” (LUKÁCS, 1968,p.474). Ele argumenta que a apologia ao Estado prussiano fazia com que os problemas da vida social fossem identificados como meras questões jurídicas de Estado; assim esclarecendo, bastava a intervenção de Bismark para que se decidisse o assunto.

Reiterando isso, o historiador e nacional- liberal Treitschke, defende a tese de que todos os problemas sociais são simplesmente políticos e jurídicos, onde o Estado demanda obediência: suas leis devem ser mantidas, forçosamente ou não. Ou seja, exigia-se obediência servil ao Estado imperialista, conforme estudos de Lukács.

Por esta razão a sociologia ficava momentaneamente sem objeto na Alemanha. A situação transborda em novos fatos com o florescimento da luta de classes entre burguesia e operariado, e a luta de Bismark contra a social-democracia, isso desencadeia uma “nova” situação de se estender o domínio da economia nacional sob o apoio de economistas (Brentano, Schmoller, Wagner e outros), convertendo a sociologia como uma ciência da sociedade.

O operariado torna-se força ativa no palco político da Alemanha, organiza-se no partido social-democrata mais antigo e mais forte que na França e que se tornara, graças à influência pessoal de Marx e, principalmente do velho Engels, o centro político do proletariado europeu. Como deixa claro Lukács (1968: 473): “o socialismo científico foi criado precisamente por pensadores alemães e teve necessariamente sua primeira ampla influência e divulgação literária em terreno alemão”.

Essa “nova” objetividade histórica é a demanda à qual a sociologia virá a conceder respostas. Por isso, esses economicistas são contra toda “abstração” e toda “dedução”, ou seja, contra qualquer tipo de teoria; são empiristas puros e relativistas históricos.

Nessas circunstâncias, o que melhor define a filosofia alemã diante da nascente sociologia é a crítica nos escritos de Dilthey de 1883, em sua obra *Introdução às ciências humanas*. Onde a proposição que chega é conhecida:

Os fatos da sociedade nos são compreensíveis desde dentro, podemos revivê-los, até certo grau, à base da percepção de nossos próprios estados, e acompanhamos a representação do mundo histórico com amor e ódio, com apaixonada alegria, com todo fogo dos afetos. A natureza nos é estranha por que é algo exterior, nada íntimo. A sociedade é nosso mundo (DILTHEY, 1943, p.49) Texto ranieirepag79

Ele propõe delimitar os métodos das ciências do espírito, de um lado, e das naturais, de outro, a fim de cancelar as generalizações do modelo positivista de cientificidade. Ele recusa as categorias sociológicas, perfazendo a compreensão da realidade através de ciências singulares especializadas, onde a sociologia opera com princípios metafísicos.

Cohn, em seus escritos fundamenta o pensamento de Dilthey apontando como relativista reducionista “a própria noção de visão de mundo fez assumir plenamente uma posição relativista, onde toda ela é condicionada, portanto relativa e limitada” (COHN, 1979, P, 23)

O positivismo não influenciou esta sociologia produzida na Alemanha, pelo menos não em sua versão clássica comteana. Os mandarins alemães já estavam parcialmente imunizados contra a cientificidade naturalista da escola de Comte, Spencer e Durkheim. Na verdade, tem-se um positivismo peculiar à Alemanha, da herança de um subjetivismo kantiano, que diferencia o ser e o dever ser e a fragmentação entre as disciplinas.

Em meio às circunstâncias do desenvolvimento do capitalismo fica impossível a recusa do estudo da sociologia mesmo estando diante de um campo teórico contra censural de problemas econômicos da burguesia e de superação do marxismo. Nessa discussão metodológica entre as orientações de uma ciência sociológica autônoma separada da economia e complementar a ela às obras de Karl Menger tem ímpeto por ascender essa “nova” sociologia. (CARLI, 2013, p. 44)

Nestes acordes dissonantes, surge o livro que permaneceria por muito tempo o ápice da sociologia alemã: *Comunidade e sociedade* de Ferdinand Tönnies (1887), onde vale destacar que neste mesmo período histórico Durkheim estabeleceria um paralelo no livro *Divisão do Trabalho Social* sob o ponto de vista das ciências da natureza.

O sociólogo Tönnies, fundamenta a antítese entre sociedade primitiva de classes e o capitalismo nascido da evolução político-social, sobressaindo-se, ao aceitar o marxismo para concluir sua crítica romântica identificando os escritos de *O Capital* como “magistral análise”. A aceitação a Marx particulariza Tönnies em respeito aos contemporâneos, e ele descreve a sociedade,

(...) como uma construção artificial que dista longinquamente da “unidade perfeita” de uma autêntica comunidade; o romantismo está posto nestes termos: “comunidade é ávida em comum duradoura e autêntica; sociedade é só uma vida em comum passageira e aparente (TOENNIES, 1947, p.21)

Podemos elencar da obra *Comunidade e sociedade de 1887*, que o autor presta tratamentos diferentes às duas formas societárias: ao analisar a “comunidade”, ele privilegia os aspectos culturais, instituições como o matrimônio, a família, a autoridade política, e quando o assunto é a “sociedade”, fala sobre divisão do trabalho, a produção de valores, a mercantilização da vida social, o dinheiro, o lucro, mais valia, etc. Parece que o momento econômico vem a nascer com a sociedade burguesa.

Em os *Princípios de sociologia* de 1931, influenciado por Hobbes, Tönnies descaracteriza a sociedade burguesa e retira do iluminista inglês a noção de que em sociedade o homem é o lobo do homem; de que os indivíduos agem conforme interesses particulares:

De todos os elementos favorecidos, em conexão parcial com os subsistentes do estamento senhorial, forma-se uma “classe” dominante, que se diferencia por não ser fechada por natureza, senão aberta, e por se destaca menos da grande massa do povo por signos exteriores como nome, título e tradições (TOENNIES, 1946, p. 109)

Na mesma esteira do pensamento de Tönnies segue Georg Simmel que exerceria uma grande influência no desenvolvimento da sociologia alemã. O autor apresenta uma preocupação em torno da metodologia sociológica, onde ele diz que a realidade concreta deve ser despida da teoria valor- trabalho e deve esta sempre distante da ontologia. Ele considerava a equalização dos trabalhos um dispêndio de energia humana genérica onde “o valor do trabalho não se mede por seu *quantum*, mas pela utilidade de seu resultado”. (SIMMEL, 1983, p.70)

Em seu livro a *Filosofia do dinheiro* (1900), não existe um valor dos objetos em si, todos estão ligados a forma de nossa consciência, ou seja, ele é sempre relativo às vontades de livre arbítrio onde insere o dinheiro na corrente de desagregação pragmática e a valorização simbólica. “O dinheiro é uma forma característica “de substitutivos e símbolos”, que não possuem nenhum parentesco de conteúdo com o que representam” (SIMMEL, 1999, p. 157)

De acordo com esses argumentos o que compõem os conceitos sociológicos, são as categorias da sociedade burguesa reiteradas pelo seu cotidiano fetichista que aceita as normatizações do valor.

No prefácio do livro citado, Simmel reitera sua postura anti-histórica ao delimitar que “a gênese do dinheiro não é o ponto aqui em causa: ela pertence à história, não à filosofia” (1999, p. 14). Dessa maneira, ele consegue alongar para toda e qualquer época a reitificação do capital, sendo coerente ao não dar concretude as vicissitudes da sociedade moderna.

Ambos os autores citados foram importantes para constituição da sociologia em terras alemãs, eles estão no cerne da criação do “fazer sociológico” e do seu ponto de vista necessário para parcelar o real e tratar a sociedade como autônoma sem caráter histórico ao ser social sem condições de responder o surgimento da teoria social marxiana e do novo sujeito revolucionário.

### **Considerações Finais**

Vê-se claramente, a negativa relação de Lukács para com a sociologia, contudo deve ser considerado as interpretações da legalidade histórica estudada, sendo específica de períodos determinados. Sendo assim, já é sabido que grande parte da obra lukacsiana está vocacionada para a possibilidade do agente humano intervir no processo sócio-histórico, numa práxis cuja teleologia seja elevada ao nível de consciência.

Neste aparato, percorremos ao longo do texto a ascensão e decadência da razão burguesa e do legado racionalista de Marx, até o nascimento da sociologia onde enveredamos para o entendimento histórico-social do principio científico da sociologia em outros autores como: Durkheim, Dilthey, Simmel entre outros. Vale destacar que a ciência sociológica, durante a segunda metade do nosso século, era considerada um instrumento estatístico durante as duas grandes guerras mundiais. Até certo ponto, no cenário atual ainda identificamos que o pragmatismo permeia diversas produções sociológicas.

Para acrescentar tal estagnação citada por Lukács, que percebe a sociologia como ciência aversa a emancipação humana, ainda nos anos cinquenta ela ainda lutou pela contenção da expansão dos ideais revolucionários e neutralização dos movimentos de libertação das nações subjugadas pelas potências imperialistas.

Com clareza, percebemos isso quando o autor se relaciona com a sociologia em dois momentos bem determinados, em 1923 e em 1953<sup>5</sup>. Polemizando em duas frentes: a recusa da sociologia como um saber social singularizado e quando ela tem a pretensão de estudar um objeto específico autônomo.

Lukács, apesar de sua concepção negativa da sociologia pelos fatores já citados, isso não o impossibilitou décadas à frente, durante os trabalhos da *Ontologia*, desenvolver uma

---

<sup>5</sup> Datas de publicação de *História e Consciência de Classe* e *A Destruição da Razão*

admiração pelo sociólogo estadunidense C. Wright-Mills e sua crítica ao pragmatismo norte-americano<sup>6</sup>

Contudo a ciência social reencontra sua real existência em Lukács, sem base de uma totalidade posta pela inteligência, em *Ontologia do ser social*, que tem a premissa de que “não é possível estabelecer analogias entre o mundo orgânico e a vida social” (LUKÁCS, 1969, p, 20).

Com o princípio ontológico, que iremos adentrar adiante, pretendemos reencontrar a ciência social para além de distinções determinadas por uma divisão do trabalho intelectual deformadora e alienante, onde sua “matrização originária, de gnose unitária da história, gnose que viabiliza um alto conhecimento humano, gnose que se instrumentaliza como componente fundamental na práxis mediante a qual o homem se instaura como autor de sua livre sociabilidade” (NETTO, 1981, p. 23)

### **Referências Bibliográficas**

CARLI, Ranieri. **György Lukács e as raízes históricas da sociologia em Max Weber**. Rio de Janeiro, Lumes Juris, 2013.

COHN, Gabriel. **Crítica e Resignação: Max Weber e a teoria social**. São Paulo: MartinsFontes, 1979/2003.

CONDORCET, Jean- Antonie. **Cinq memories sur l’ instrucion publique**. Paris: Garnier-Flamarion, 1994.

DILTHEY, Wihelm. **Introdução a ciência do espírito**. México, DF: Cultura Econômica, 1943.

DURKHEIM, Émile. Lições sobre o socialismo. On: \_\_\_\_\_. e Weber, **Max. Socialismo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993, p.27-84.

\_\_\_\_\_. **A ciência social e a ação**. São Paulo: Difel, 1975.

ENGELS, Friedrich. **As guerras camponesas na Alemanha**. São Paulo: Grijalbo, 1979.

LÖWY, Michael. **As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen: Marxismo e Positivismo na Sociologia do Conhecimento**. São Paulo: Cortez, 1998/2003.

\_\_\_\_\_. **Ideologias e Ciência Social: Elementos para uma análise marxista**. 8ª ed. SãoPaulo: Cortez, 1992.

LUKÁCS, G. **As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem**. In: *Temas de Ciências Humanas*, São Paulo, 1978.

<sup>6</sup> Cf. as observações de NETTO, 1992: 25-56.

- \_\_\_\_\_. **História e Consciência de Classe.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- \_\_\_\_\_. **El Assalto a la Razón.** Barcelona: Grijalbo, 1968.
- \_\_\_\_\_. **Conversando com Lukács.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- \_\_\_\_\_. **Existencialismo ou marxismo?** São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.
- MARX, Karl. “Prefácio” In: Contribuição à Crítica da Economia Política. **Coleção Os Pensadores.** São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- MÉSZÁROS, István. **Filosofia, Ideologia e Ciência Social.** São Paulo: Ensaio, 1993.
- NETTO, José Paulo. **Capitalismo e Reificação.** São Paulo: Ciências Humanas, 1981.
- PINASSI, Maria Orlanda. **Da Miséria Ideológica à Crise do Capital: uma reconciliação histórica.** São Paulo: Boitempo, 2009.
- SAINT-SIMON. **De la reorganización de La sociedad europea.** Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1975
- SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- \_\_\_\_\_. O problema da sociologia. In: MORAES FILHO, Evaristo (org). **Georg Simmel: sociologia.** São Paulo: Ática, 1983, p.59-78.
- TOENNIES, Ferdinand. **Princípios da sociologia.** México, DF. Cultura Econômica, 1946
- \_\_\_\_\_. **Comunidad y sociedad.** Buenos Aires: Editorial Losada, 1947.
- WEBER, Max. **Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva.** Vol. 1. Brasília: EdUNB, 1998.